

IDENTIFICANDO A DISLEXIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL* IDENTIFYING DYSLEXIA IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

Thays Silva Ferreira**

Claudia de Oliveira Vale***

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

O contexto escolar abrange as mais diversas questões para se alcançar o objetivo de proporcionar ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os docentes precisam se apropriar de conhecimentos para que nas suas práticas diárias tenham como lidar com as demandas de uma sala de aula. A dislexia que é um transtorno caracterizado pelo déficit de aprendizagem para a leitura e escrita, além de comprometer o desenvolvimento social, e principalmente cognitivo do aluno, evidenciando a dificuldade de codificar e decodificar as palavras em um processo que nos é considerado normal e natural. O papel de um professor em sala de aula é extremamente relevante e isso implica em auxiliar na identificação de transtornos de aprendizagem como a dislexia, no acompanhamento e na busca de melhores condições de desenvolvimento integral dos alunos para analisar a dislexia e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de identificar as causas e impactos da dislexia na aprendizagem da leitura e escrita, compreender a interação das crianças com dificuldades de aprendizagem, valorizando suas habilidades e autoestima, examinar a formação docente inicial para a percepção das dificuldades de aprendizagem pautadas no respeito a adversidade do aluno, o olhar pedagógico quando a dislexia e seus impactos. Portanto, o presente artigo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica refletindo a luz de autores como Ballone (2001), Rodrigues (2008), Ellis (1995) e (LONA, 2014) que permitiram análise e reflexões quanto a dislexia e as hipóteses levantadas no início da elaboração da pesquisa.

Palavras-chaves: Ensino-Aprendizagem; Dislexia e Olhar Pedagógico.

ABSTRACT

The school context covers the most diverse issues to achieve the objective of providing teaching and learning. In this sense, teachers need to appropriate knowledge so that in their daily practices they can deal with the demands of a classroom. Dyslexia is a disorder characterized by a learning deficit in reading and writing, in addition to compromising the student's social and cognitive development, evidencing the difficulty of encoding and decoding words in a process that is considered normal and natural. The role of a teacher in the classroom is extremely relevant and this implies helping to identify learning disorders such as dyslexia, monitoring and seeking better conditions for the integral development of students to analyze dyslexia and its effects on the learning process. teaching-learning, with the objective of identifying the causes and impacts of dyslexia on the learning of reading and writing, understanding the interaction of children with learning difficulties, valuing their abilities and self-esteem, examining the initial teacher training for the perception of learning difficulties based on respect for the student's adversity, the pedagogical look when dyslexia and its impacts. Therefore, the present article has as methodology the bibliographic research, reflecting the light of authors such as Ballone (2001), Rodrigues (2008), Ellis (1995) and (LONA, 2014) that allowed analysis and reflections on dyslexia and the hypotheses raised in the study. beginning of research preparation.

Keywords: Teaching-Learning, Dyslexia And Pedagogical Perspective.

*Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

**Graduanda do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

***Mestra em Educação, pelo Programa de Pós Graduação em Educação- PPGE/UFMA, Especialista em Educação Especial, Inclusão e Libras, pela Universidade Uniasselvi, Especialista em Gestão Escolar pelo Centro de Ensino de Planejamento e Avaliação do Maranhão- CAPEM. Pedagoga, graduada pela Universidade Federal do Maranhão, Interprete de Língua Brasileira de Sinas, SEEDUC/MA, Professora do Instituto de Ensino Superior Franciscano- IESF.

1 INTRODUÇÃO

A prática docente é uma inesgotável fonte de conhecimento. Diariamente, cada professor se encontra em situações que o levam a refletir suas próprias metodologias para atingir o objetivo principal que é de intermediar aprendizagens e o desenvolvimento de habilidades a seus alunos. Nessa perspectiva, a escolha da temática foi baseada na compreensão da relevância da percepção da dislexia cotidiano escolar. O primeiro objetivo da presente pesquisa, é de analisar a dislexia e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem. Tendo em vista ser essa uma das necessidades dos docentes nos anos iniciais do ensino fundamental.

Sabemos que, a aprendizagem acontece de diferentes formas e que cada indivíduo possui suas particularidades e os professores principalmente na educação infantil e nos anos iniciais buscam cada vez mais planejar aulas mais lúdicas e dinâmicas para envolver os alunos e proporcionar aprendizagens significativas. Cada fase escolar possui objetos de aprendizagem.

Nos anos iniciais, o primeiro ano é marcado pela transição da criança que saiu da educação infantil e teve sua coordenação motora inicialmente trabalhada e já possui habilidades de escrita, já faz o reconhecimento de letras do alfabeto e estimular de forma mais intensa o processo de leitura e escrita. Um professor, tem como objetivo que todos seus alunos possam alcançar êxito em sua vida escolar, e em seu desenvolvimento integral, porém, algumas crianças tem um contexto familiar, uma condição social, uma deficiência ou um transtorno de aprendizagem, como a dislexia.

É necessário que os docentes tenham um olhar pedagógico que considere todas as situações que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, para que os alunos tenham possibilidades de desenvolvimento e não sejam limitados ou rotulados de forma negativa causando marcas no cognitivo e emocional dos mesmos.

Destacamos como foco de nossa pesquisa o ensino fundamental, todavia a criança com dislexia deve ser acolhida para que o diagnostico seja precoce e a mesma tenha mais meios para que alcance um bom desenvolvimento físico, intelectual e tenha a garantia dos seus direitos. Sabemos que com a evolução da educação e com novos documentos que regem a mesma, algumas mudanças podem ser percebidas em todos os níveis educacionais, principalmente na educação infantil, na qual são propostos campos de experiências e a aprendizagem em si é vista de forma diferente, algo que requer ao docente um olhar mais atento e acolha a criança para que ela se desenvolva.

Neste processo, encontramos os objetivos específicos de identificar as causas e impactos da dislexia na aprendizagem da leitura e escrita, compreender a interação das crianças com dificuldades de aprendizagem, valorizando suas habilidades e autoestima, além de examinar a formação docente inicial para a percepção das dificuldades de aprendizagem pautadas no respeito a adversidade do aluno. Podendo ser a dislexia o motivo de muitos alunos ter limitações que influenciam esse processo tão importante na vida de uma criança, pois a leitura permite descobertas incríveis, considerando que para que a criança com dislexia não seja vista em sua sala de aula de forma que venha interferir do seu emocional.

A docência exige diversas habilidades e conhecimentos, na presente pesquisa existe uma preocupação com o preparo docente para questionar acerca de indicar medidas interventivas para solucionar possíveis limitações. O aluno com dislexia precisa ter propostas em sala de aula que atentam as suas possibilidades de

aprendizagem, uma prática docente inclusiva e que não coloque o mesmo em situação de inferioridade para que o mesmo se sinta acolhido em todos os níveis educacionais.

A escola deve se perceber como um ambiente acolhedor a todos para que a garantia do acesso a educação a todos seja efetiva. Assim como, cada aluno tem o direito de se desenvolver sem que seja taxado de forma negativa, mas acolhido e com as mesmas possibilidades de aprendizagens e um desenvolvimento integral. A dislexia no contexto da educação infantil, pode ser percebida em atividades de uso da memória, identificação de letras e associações pertinentes a infância e as aprendizagens esperadas e que irão ser ampliadas no ensino fundamental, na qual é o foco da presente pesquisa.

O ensino fundamental é a fase educacional mais extensa e com várias descobertas, nos anos iniciais são marcados pelo uso da leitura e da escrita para desenvolver conhecimentos dos componentes curriculares com autonomia, cientificidade e aprendizagens significativas. A metodologia necessária para a pesquisa, será de caráter bibliográfico exploratório, visando a busca pelos questionamentos apresentados na elaboração e escolha da temática. faz-se uma com dados extremamente relevantes e almejados desde o início da pesquisa. Por fim, as considerações finais, que fará uma compilação de todo o estudo.

Para que as contribuições tenham tido participações de profissionais da área educacional e da saúde, uma vez que as medidas de intervenção com as pessoas diagnosticadas com dislexias, cabe a uma equipe multidisciplinar, fazendo assim grande diferença no desenvolvimento das mesmas. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica sendo por meio de um levantamento e revisão de obras sobre a temática e foram publicadas se tornando bases no desenvolvimento o trabalho científico o que necessita de uma dedicação, estudos intensos e análise na elaboração do presente artigo.

A metodologia da presente pesquisa bibliográfica será reunir e analisar textos publicados, buscando diversos autores que embasaram o desenvolvimento da investigação de cada um dos objetivos e principalmente sobre a temática escolhida para a pesquisa. Além de referências de outros profissionais de outras áreas do conhecimento que respondem inquietações indispensáveis para a realização de levantamentos de dados que sejam a luz da pesquisa quanto as formas que a dislexia é abordada e etnográfica foi necessário pesquisar em sites, monografias, livros, publicações, artigos.

Para fundamentar a estruturação teórica foram selecionados autores como Ballone, G. J (2002), Davis, Ronald D. (2004) Dornelles Baum, Virginia (2017) e outros que muito contribuiram para o entendimento da dislexia, a fim de realizar a discussão e levantar marcos teóricos do tema aqui apresentado. Essa pesquisa bibliográfica sobre a dislexia e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo a interação das crianças com dificuldades de aprendizagem, valorizando suas habilidades e autoestima e ainda examinando a formação docente inicial para a percepção das dificuldades de aprendizagem pautadas no respeito a adversidade do aluno.

O método aplicado neste trabalho bibliográfico, é qualitativo na aplicação de metodologias, que auxiliam no desenvolvimento dos indivíduos, podendo observar fatos publicados em revistas, sites, artigos, monografias, correlacionando e comparando diversas formas de pensar ponto de vista de cada autor, através de suas pesquisas e estudos. Destacamos, nesta metodologia a importância do diagnóstico precoce para os disléxicos e seu acompanhamento com os mais variados

profissionais, tais como: (Psicopedagogos, Neuropsicólogos, Fonoaudiólogos) e não menos importantes nesse processo os docentes que estarão em formação contínua, para o desenvolvimento dos educandos.

Nossos objetivos foram traçados baseados logo após a escolha do tema da pesquisa, cada um deles visam discutir e responder questionamentos levantados da mesma forma, nesse sentido, eles compõem a estrutura do texto corrido abaixo. Cada um dos subtemas dispostos nas páginas seguintes são frutos de pesquisas nas fontes já supracitadas que serviram de base para a análise da temática de forma científica e a luz de teóricos que já investigam a dislexia no contexto educacional e clínico para que nossa pesquisa seja mais profunda.

Inicialmente, precisamos recorrer artigos que nos levaram ao histórico da dislexia e entender como a mesma começou a ser percebida, na sociedade e de como a mesma evoluiu para ser identificada no contexto escolar e para que pudesse ser fechada em um diagnóstico preciso. Os dados científicos analisados quanto a dislexia no contexto escolar, como pode se manifestar na inclusão e na interação com a sala de aula, foi por meio de pesquisa bibliográfica advinda de experiências, para servir de parâmetros para nossa análise dos objetivos propostos.

2 ANALISANDO A DISLEXIA

Para uma atualização quanto ao histórico da dislexia, devemos ressaltar que o termo foi utilizado pela primeira vez no ano de 1872, pelo oftalmologista alemão Dr. Rudolf Berlin e posteriormente foi utilizado por diversos profissionais de sua área, como esclarecem os autores Rotta e Pedroso (2006, apud PINTO, 2010, p. 02). A dislexia é um transtorno caracterizado pelo déficit de aprendizagem para a leitura e escrita, que compromete o desenvolvimento social, e principalmente cognitivo do aluno, evidenciando a dificuldade de codificar e decodificar as palavras em um processo que nos é considerado normal e natural. O dislexo enfrenta a barreira de se adaptar a rotina do ambiente escolar. A escola por sua vez, é responsável por orientar seu corpo docente a elaborar atividades específicas para estas crianças, que as possibilitem aprender de forma que cada uma seja integrada as atividades normais da sala de aula.

As crianças dislexas enfrentam vários momentos neste processo de desenvolvimento, como: baixo rendimento escolar, não reconhecer símbolos gráficos, leitura sem ritmo, repetições ou omissões de símbolos. dentre outros problemas apresentados pela dislexia. O processo de identificação da dislexia em crianças, o diagnóstico informal deve ter início pela família e educadores com base nas tarefas naturais nas fases infantis. Considera-se que os distúrbios mais comuns são observados nos níveis fundamentais, o educador deve analisar se a criança dominou os componentes da tarefa e as compreendeu.

Durante a execução das atividades em sala de aula, o professor observa seus alunos e suas limitações, tais como: sociais, funções linguísticas e capacidade visual e motora. Ao identificar a dificuldade do seu aluno, o professor deve simplificar ou modificar as tarefas para unidades menores e simples, para que os educandos consigam aprender a ler e escrever. Rodrigues (2008) entende que a dislexia se manifesta no distúrbio de linguagem, ou seja, nos sons da fala afetando a leitura e a escrita, logo, se destaca a importância da oralidade neste processo de alfabetização da criança.

Logo nos primeiros anos de vida e até mesmo antes de iniciar a fase escolar, a criança já começa a desenvolver as habilidades de fala na convivência com a família, nessa perspectiva, também é muito comum que as crianças que estão com atraso de fala sejam inseridas mais cedo para que a socialização com a comunidade estudantil estimule a fala. Um sinal que não pode ser ignorado pelos pais e nem pelos educadores, visando um diagnóstico precoce e realizar a intervenção ainda no processo de alfabetização, pelo fato da oralidade ter uma grande relação com a escrita e a leitura.

No tocante ao processo de alfabetização, é importante ressaltar que a mesma se consolida nos anos iniciais do ensino fundamental, entre o primeiro e o terceiro ano a criança já deve ganhar autonomia para realizar a leitura, interpretação e a escrita. Todavia, ainda na educação infantil a mesma é iniciada com a consciência fonológica, o reconhecimento da grafia e do som das letras e são estimuladas de forma lúdica e como rege a Base Nacional Comum Curricular – BNCC por meio de campos de experiências, que proporcionam aprendizagens significativas e torna perceptível sinais de atenção para identificação da dislexia na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para Fonseca (2011) usando o conceito básico do que vem a ser a dislexia, é expressa como a “dificuldade da fala ou da dicção”. Logo, essa dificuldade se reflete como essa criança com dificuldade na fala poderá materializar na escrita, um exemplo simplório do exposto, seria o problema na dicção de palavras escritas com r e a criança troca em sua fala pelo l, tornando a escrita de farinha por “falinha”, ressaltando a importância de se trabalhar a oralidade com a parceira de atendimentos fonoaudiológicos. Já no que se refere ao ponto de vista comportamental, a dislexia distingue-se por dificuldades no reconhecimento correto de palavras e na capacidade de decodificá-las. É comum que crianças nesse processo seja mais suscetível a confundir letras, conseqüentemente a grafia correta das palavras como já fora apontado. Corroborando com as hipóteses já levantadas, Cândido (2013, p. 13) diz que a:

[...] dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades em ler, interpretar e escrever. Sua causa tem sido pesquisada e várias teorias tentam explicar o porquê da dislexia. Há uma forte tendência que relaciona a origem à genética e a neurobiologia.

É extremamente necessário que se entenda os motivos e a origem da dislexia e principalmente as suas implicações no desenvolvimento do ser humano, para que ele receba estímulos e intervenções ao longo da vida, considerando não apenas a sua vida escolar, pois os impactos são percebidos também na vida adulta, sendo esses mais severos se não tiver acompanhamentos na infância.

3 IMPACTOS DA DISLEXIA

A criança na fase fundamental menor geralmente já tem seu cognitivo desenvolvido, mas para que haja um processo favorável na área abordada, precisa-se que os disléxicos sejam capazes de desenvolver seu potencial de aprendizagem a partir de experiências e capacidades para concentrar sua atenção. Considera-se que

a temática desenvolvida nesse projeto é de grande relevância para a sociedade, pois busca construir a ampliação dos conhecimentos sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos disléxicos, visto que ler e escrever são saberes indispensáveis para o desenvolvimento dos seres humanos.

Em 1896 o médico Pringle Morgan relatou o caso quando atendeu uma criança de 14 anos que apresentava problemas apenas para ler e escrever, mas que oralmente se comunicava muito bem. Este caso foi comparado ao de dois adultos que apresentaram problemas na leitura após uma lesão cerebral. Sobre o mesmo caso, Morgan e Hinshelwood, outro médico interessado no caso, caracterizariam a dislexia recém-descoberta como um déficit grave, inesperado e isolado da aprendizagem da leitura, que ocorria em alunos inteligentes, porém tinha origem neurológica de acordo com (HOUT; ESTIENNE, 2001). Sendo esse o cenário do primeiro caso de identificação de dislexia, inicialmente levantando hipóteses e visando explicações para determinadas situações como a do paciente de 14 anos.

A origem da dislexia, perpassa por buscar conhecimento no desenvolvimento do cérebro e como o corpo reage a comandos necessários no processo de leitura e escrita. De acordo com Ballone (2001, p.73), fundamenta-se, no eixo corporal, na base psicomotora, e se desenvolve anteriormente à escrita. Ou seja, em todos os outros fatores relacionados a habilidade de leitura e escrita. É de conhecimento de profissionais da área que a criança para aprender a ler necessita da consciência de seu eixo corporal, seu lado direito e esquerdo etc., e a criança disléxica não possui essa capacidade, o que a faz confundir eternamente direita e esquerda, sendo extremamente necessários até mesmo na realização de atividades cotidianas dos indivíduos.

A dislexia é considerada um distúrbio específico da linguagem, que tem como característica principal a dificuldade de um aluno em decodificar ou compreender palavras. Para a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2006), o transtorno é uma insuficiência do processo fonoaudiológico e está incluído geralmente entre as dificuldades de leitura e aquisição da capacidade de escrever e soletrar, ou seja, podemos entendê-la como uma alteração de leitura. Para Vicente Martins (2006, p.118), a dislexia “é considerada uma síndrome de origem neurológica que pode ter como principais causas a genética ou pode ser adquirida após a pessoa sofrer um acidente vascular cerebral, ou AVC, por exemplo.” Para muitos autores, a dislexia tem origem neurobiológica, e esse termo representa um grande avanço no entendimento das bases neuronais da dislexia nos últimos anos, desde sua primeira definição. Com o mesmo entendimento, Cândido (2013, p. 17) cita que:

[...] uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O disléxico, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cérebro vascular (AVC).

Uma definição mais abrangente e ao mesmo tempo mais técnica, veio da suspeita da origem neurobiológica da dislexia que surgiu em 1896, quando uma neurologista francesa chamada Djerine sugeriu que a parte posterior do lado esquerdo do cérebro era crítica para a leitura, fazendo com que os estudos fossem mais assertivos em suas buscas por respostas. A partir disso, foram realizados inúmeros trabalhos a respeito da inabilidade na aquisição da leitura. Nesse caso, citam também as lesões neuroanatômicas mais comuns que são localizadas na área parietal-

temporal, até mesmo incluindo o giro angular, supramarginal e as porções posteriores do giro temporal superior, como sendo a região principal no mapeamento da percepção visual para a impressão das estruturas fonológicas do sistema da linguagem.

Por outro lado, Djerine (1896) observou outra região posterior do cérebro que é mais ventral na área occipito-temporal como salienta (NUNES et al., 1997). Em 1995, em uma definição bastante utilizada para dislexia foi apresentada como sendo um dos muitos distúrbios de aprendizagem que resulta em dificuldades que não são esperadas com relação à idade e as outras dificuldades acadêmicas cognitivas; e não um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial.

Os impactos da dislexia, estão presentes em pontos que são destacados por Martins (2002), que aborda três particularidades, a mesma influencia na formação de bons leitores, uma vez que ela reverbera em contexto de desenvolvimento de habilidades fonológicas; memoriais; perceptivas que são percebidas no cotidiano dos alunos dislexos. Devem ser consideradas as condições biológicas e neurológicas da dislexia, a mesma não é definida como deficiência, e muito menos ainda que equivocadamente por muitas pessoas ainda ter o termo de doença no vocabulário, trata-se de uma dificuldade de aprendizagem, um distúrbio de natureza congênita hereditária. A dislexia, pode ser classificada por graus, sendo esse (leve, moderado e agudo), sendo essa classificação indispensável no conhecimento dos docentes para que suas práticas pedagógicas sejam mediadas de forma mais adequada ao aluno dislexo. Tendo em vista as contribuições das descobertas no campo da medicina, Moura (2013) salienta que:

Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

Tal esclarecimento é de suma importância para que se quebre tabus que reforçam o preconceito presente em muitos casos, por considerar as crianças com dislexia inferiores as crianças ditas normais, é necessário que haja uma sensibilização da sociedade para entender como funciona o cérebro dos dislexos para eles não sejam discriminados nos contextos na qual estão inseridos. Ressaltando que as dificuldades com leitura, escrita outras não limitam o desenvolvimento de outras habilidades que podem ser trabalhadas para que se sobressaiam mais.

4 A DISLEXIA E AS INTERAÇÕES

A dislexia se apresenta através de dificuldades em diferentes formas de linguagem, frequentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e de soletração (NUNES, et al, 1997). A partir disso, para além da leitura e da escrita, refletimos o quanto a dislexia proporciona mais desafios para os indivíduos, isso evidencia outras dificuldades cotidianas, evidenciando que os alunos com dislexia precisam de estímulos com diversas áreas do conhecimento. Também, de acordo com Davis (2004, p.38), a dislexia pode ser definida como:

[...] um tipo de desorientação causada por uma habilidade cognitiva natural que pode substituir percepções sensoriais normais por conceituações; dificuldades com leitura, escrita, fala e direção, que se originam de desorientações desencadeadas por confusões com relação aos símbolos. A dislexia se origina de um talento perceptivo.

Os registros do autor, esclarece as demais habilidades que devem ser trabalhadas com as pessoas que possuem o diagnóstico de dislexia, a identificação colocada também é útil como ferramenta de outras formas que o docente precisa estar atento em sala de aula, tendo em vista que na educação infantil a lateralidade e psicomotricidade já são aguçadas, esse entendimento, aumenta a atenção nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em atividades simples do cotidiano escolar, podem ser analisadas dificuldades para que tenha uma intervenção, sendo essa uma grande necessidade de conhecer a dislexia. Segundo Ellis (1995), podem ser citados como alguns dos sintomas que aparecem em crianças disléxicas os seguintes: a falta de interesse por livros; dificuldade de montar quebra-cabeças; falta de coordenação motora; dificuldade de soletrar; dificuldade de aprender rimas e músicas; desatenção; dificuldade de manusear dicionários, listas e mapas; timidez excessiva, depressão; dificuldade nas aulas de matemática e desenho geométrico; dificuldade de copiar matérias do quadro-negro ou de livros; dificuldade de copiar e recortar papel; vocabulário pobre; dificuldade de identificar direita e esquerda, entre outros.

Vale ressaltar que apesar da possível crença de que uma criança dislexa com as dificuldades de aprendizagem relatadas ao longo do texto, não tem a ver com a suas totais habilidades cognitivas. Como afirma, Fonseca (1995) avalia que, mesmo a criança disléxica tendo dificuldades em decodificar certas letras, este problema não se relaciona com o déficit cognitivo, e na maioria das vezes esses alunos possuem QI totalmente de acordo com sua idade.

Na tentativa de explicar a dificuldade na leitura, outra teoria apresentada foi a do oftalmologista escocês, J. Hinshelwood, este apresenta em seu livro *Cegueira Verbal Congênita* (1917), sendo esse o primeiro objetivo específico da presente pesquisa por entender este processo como tão importante para a vida escolar e como a prática docente diária deve acontecer levando em consideração conhecimentos voltados para as questões biológicas dos alunos.

Contextualizando o desenvolvimento das pesquisas sobre a dislexia e como biologicamente acontece a leitura, se propõe a analisar a ideia de que a dificuldade em leitura poderia ser resultado do subdesenvolvimento da circunvolução angular (HENNIGH, 2003). Embasada em Hinshelwood (1917) e Richardson (1989) relata que o trabalho desenvolvido pelo oftalmologista J. Hinshelwood:

[...] foi essencialmente conduzido com base em exames realizado no decurso de autópsias, tendo levantado a possibilidade de o subdesenvolvimento cerebral pode ser também o resultado de doenças, de lesões infligidas á nascença ou de uma predisposição genética (HENNIGH, 2003, p.14-15).

Mediante este estudo realizado concluiu-se que “[...] os padrões da dislexia podiam ser suavizados através de um ensino individualizado e de abordagens multissensoriais” (HENNIGH, 2003, p. 15), por meio de estímulos da área cerebral como: visão, olfato, tato e paladar, os indivíduos teriam a sua disposição mais meios para recorrer. A definição que surgiu em 1995, e foi bastante utilizada considerou a dislexia como sendo um distúrbio de aprendizagem, a qual surge dificuldades que

não são esperadas para a idade. Essas dificuldades apresentadas incluíam dificuldades com leitura, dificuldades de escrita e de soletração (LYON, 2003 apud EVANS, 2006).

Ter uma definição mais ampla quanto a dislexia é muito importante, todavia, é uma medida de intervenção e de reconhecimento de dificuldades para serem trabalhadas, uma vez que se reconhece que cada aluno em uma sala de aula é único e tem sua forma de aprender e conhecer o mundo. O processo de desenvolvimento não ocorre da mesma forma com todas as pessoas e de igual modo a aprendizagem, como salienta Evans (2006) quando ressalta que não se deve homogeneizar estas características em relação às crianças, pois cada indivíduo pode apresentar características distintas umas das outras.

Desde o primeiro caso já citado, muito já se caminhou no que se refere a conhecer a dislexia, logo, segundo os estudos de Condemarin (1989), a dislexia pode ser específica ou dislexia da evolução é um conjunto de sintomas reveladores de uma disfunção parietal ou parietal occipital, geralmente hereditária, ou às vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se estende do sintoma leve ao severo.

Além de conhecer sobre a Dislexia, é necessário um registro formal e a garantia de direitos para as pessoas que possuem o que atualmente é tido como um transtorno que está assegurado pela Lei 14254/21, Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021 sancionada pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, onde as crianças que apresentam esse diagnóstico dispõem de acompanhamento necessário para auxiliar no seu desenvolvimento.

Ao longo de todo o processo de estudos sobre dislexia, é satisfatório saber que houve muito progresso em identificar e proporcionar qualidade de vida para as pessoas que possuem tal transtorno, uma vez que, os educandos necessitam de apoio de profissionais de várias áreas e sendo um grande passo a lei já citada e evidenciando o artigo 1º: O poder público deve desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem.

O artigo dispõe sobre de acompanhamento integral para os educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem, após a identificação o acompanhamento é indispensável para que a pessoa com transtorno tenha direitos assegurados de ter meio de buscar um bom desenvolvimento. De acordo com as teorias piagetiana e construtivista entendemos os dislexos não como pessoas doentes, mas como alguém saudável que tem dificuldades na aprendizagem necessitando de um olhar humano e como uma forma diferente de enxergar o mundo e desenvolver habilidades de leitura e escrita a seu tempo e a seu modo.

Durante o processo de aprendizagem, também podemos fazer com que as crianças dislexas ganhem confiança e sintam-se seguras para realizar suas atividades e não sejam rotuladas e nem excluídas e assim tenham a sala de aula como um ambiente prazeroso e de interação com os demais alunos em toda sua vida escolar e isso se refletirá na sua vida adulta. A dislexia pode ser dividida em 2 lados, sendo o lado A: disfonética ou fonológica (auditiva), caracterizada por dificuldades na leitura oral de palavras pouco familiares, na conversão grafema fonema e possível disfunção no lobo temporal. Podendo ser identificada nos anos iniciais no processo de leitura e escrita.

Nos anos iniciais, é extremamente presente a estimulação da criação de produções textuais na qual a criança está aguçando sua criatividade e tornando

palavras tudo aquilo que eram pensamentos, nessa fase é comum entrar erros ortográficos, mas em casos de dislexia existirá uma diferença maior entre o que a criança escuta e escreve ou que pensa e coloca em um papel.

Logo, ela terá toda a capacidade de pensar, fantasiar e chegar a concluir uma história, com possibilidade de ter lacunas temporais e de lógica na colocação de palavras para criar uma história escrita. Já a Dislexia tipo B: disidética ou superficial (visual), caracterizada por dificuldade no processamento visual, na qual a criança lê por meio de um processo elaborado de análise e síntese fonética, e disfunção no lobo occipital. caracterizado do ponto de vista neurológico, considerado uma disfunção do Sistema Nervoso Central.

Compreendemos então que a partir dos estudos realizados sobre a dislexia, as pessoas afetadas neurologicamente por esse distúrbio, apresentam dificuldades no desenvolvimento de suas Habilidades escolares, o que podemos observar no seu baixo rendimento escolar, pouco progresso motor, visual e auditivo. Segundo estudos realizados pela ASSOCIAÇÃO DA DISLEXIA DO DESENVOLVIMENTO COM COMORBIDADE EMOCIONAL. Publicado pela revista Cefac (agosto, 2011), há evidências de que as crianças com a dislexia apresentam outras disfunções, tais como: depressão, bipolaridade (mudança de humor), reações epiléticas.

Desde que a Conversão Internacional Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência ONU (2007) foi constitucionalizada pelo Brasil através do Decreto nº 6.949/09, o ordenamento jurídico brasileiro consagra critérios sociais (*e não apenas critérios médicos*) para conceituar deficiência. Vygotsky (1984), dominar o código escrito é dominar a possibilidade de simbolizar.

A autonomia na escrita e leitura determinam a importância de expressão das crianças, a partir do momento em que domina os códigos e faz uso deles para se expressar, isto reflete o desenvolvimento ou evolução de forma positiva para a criança. Segundo os estudos de (SANTOS; NAVAS, 2002, SNOWLING; STACKHOUSE, 2004) apontam uma correlação significativa entre a dislexia e crianças que apresentam atraso na aquisição da fala, sendo este, então, apontado como um fator de risco, tal conhecimento entra como alerta para pais e educadores para o estímulo da fala. Nos estudos de Shaywitz et al (1998) analisando sujeitos disléxicos e não disléxicos, analisando o padrão de ativação cortical destes por meio de ressonância magnética funcional em tarefas que tinham uma demanda crescente de análise fonológica para analisar a relação entre a fala e o desenvolvimento da escrita e da leitura.

Ao final da pesquisa o resultado demonstrou que os disléxicos apresentavam uma sub-ativação nas regiões posteriores (área de wernicke giro angular e córtex estriado) justamente nas áreas implicadas em realizar a análise fonológica das palavras e transcodificar letra em som, tendo em vista a compreensão dessa informação, pois no processo de ensino de alfabetização as letras e seus sons são apresentados previamente para que logo após o som das sílabas e por fim formar o som das palavras.

Para Fernández (1991, p.51), uma vez que não há inscrição genética da carga cultural humana, ou seja, o homem não nasce portador de conhecimento, mas pode adquiri-lo a partir da interação com o mundo externo. Para a autora, a aprendizagem pode ser entendida como um processo contínuo que “permite a transmissão de conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) um conhecimento pode ser repassado a outro ou pode ser colocado em um papel uma vez que as habilidades de leitura e de escrita sejam dominadas.

Uma sala de aula nunca será homogênea, por ser formada por pessoas e as mesmas de diferentes contextos familiares, desenvolvimentos neurológicos, comportamentos, percepções, entre outros que precisam ser trabalhados estimulando o respeito e a empatia de todos para que isso também seja percebido na socialização em todos os ambientes frequentados pelos alunos. A estimulação da interação entre todos os alunos deve ser uma prática muito buscada por educadores, para que se tenha avanços não só na garantia de direitos e desenvolvimento de dislexos, mas para que haja uma conduta de respeito e de inclusão em sua totalidade, pois como afirma Pasolini, (2008, p.100-104):

A realidade sociocultural excludente, na qual os alunos se encontram em um contexto educacional em que as práticas são homogeneizantes e a referência ao “aluno-padrão” e “modelo” são muito presentes e orientadoras das organizações de ensino, tem se consistido em um grande entrave para a implementação da proposta da inclusão escolar. Outro aspecto a ser considerado é o papel do professor, pois é difícil repensar sobre o que estamos habituados a fazer; além do mais a escola está estruturada para trabalhar com a homogeneidade e nunca com a diversidade.

A prática de excluir o que é tipo como diferente é uma problemática muito antiga não apenas no contexto educacional, porém se tratando da função social da escola e o papel do professor na sala de aula, trabalha para que os alunos tenham uma boa interação desde a educação infantil e os anos iniciais é plantar uma semente para uma futura geração mais respeitadora e inclusiva.

Uma prática docente que é afetuosa, acolhedora e inclusiva não abre margem para que existam problemas de interação em um contexto escolar de alunos dislexos, sendo o docente o primeiro a tratar a criança com respeito a ela e suas limitações e formas de aprendizagem de uma forma com ela que seja amparada, acolhida e seja oferecida a ela possibilidades de aprendizagem e não seja rotulada de formas negativas.

5 O DOCENTE E A DISLEXIA

A ausência do conhecimento sobre a dislexia pelo professor e demais atores da educação promove um atraso no processo de inclusão escolar e social, por muitos de nossos alunos, que consideramos “indisciplinados” podem ser dislexos e a nossa omissão em auxiliá-los pode impedi-los de ter uma vida futura intelectual, profissional e social saudável (PIMENTA, 2012). Logo, é indispensável que se tenham um olhar mais atento em sala de aula para aqueles alunos que não aprendem e ficam ociosos em sala de aula. Na maioria das vezes os alunos que não alcançam um bom rendimento escolar ou que não possuem a atenção as aulas e atividades esperadas em sala de aula tem a possibilidade de ter um transtorno e são rotulados como preguiçosos, teimosos e indisciplinados, quando o que de fato pode está acontecendo é uma dificuldade de aprendizagem e está sendo oferecido a aquele aluno as metodologias que não favorecem a forma com que os mesmos aprendem.

Um aluno com dislexia que não encontra apoio suficiente no seu contexto escolar, poderá evadir ou entrar em um ciclo de repetição de ano letivo trazendo danos ao seu desenvolvimento pessoal e profissional, evidenciando o papel do

acompanhamento para esse aluno e o diagnóstico precoce. Algumas situações são citadas por Antônio (2009):

Como existem evidências que a dislexia pertence a um grupo de fatores que favorecem a evasão escolar, é de extrema importância o conhecimento sobre o assunto, o diagnóstico precoce, e as mediações necessárias a serem feitas no ambiente escolar pelos professores e também no âmbito familiar, pela família” (ANTÔNIO, 2009).

Um dos principais papéis da escola é de atuar como suporte facilitador do desenvolvimento acadêmico, social e formativo dos alunos. Porém, diversas vezes, vemos a escola a excluir os alunos pela falta de capacidade de saber trabalhar com eles. Dessa forma é necessário que os professores tenham oportunidades de realizar formação contínua, para promoverem o ensinamento dos educandos, com diferentes dificuldades de aprendizagem (LONA, 2014). A formação inicial não supre as necessidades quando a temas que são recorrentes e necessários aos docentes que devem ser eternos discentes e sempre buscar conhecimentos e formas didáticas para atender as demandas de suas salas de aula e as especificidades dos alunos.

Uma educação capaz de identificar as dificuldades específicas de disléxicos pode contribuir para o seu desenvolvimento, além de disponibilizar um tratamento interdisciplinar com participação de uma assistência terapêutica, sempre priorizando um tratamento. A escola juntamente com a família exerce e é de extrema importância para que a dislexia não se torne um fator de impedimento do desenvolvimento e crescimento escolar.

O docente também é essencial neste trajeto, observando e podendo compreender e auxiliar essas crianças em seu processo educativo (PETRONILO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2010). Uma longa caminhada existe entre identificação, intervenção e desenvolvimento que são passos que estão ao alcance e dever do docente. Conforme o trabalho apresentado por Ruzzuti e Muskat (2012), estudos epidemiológicos apontam transtornos de aprendizagem entre 7% a 10% das crianças em idade escolar, no Brasil 40% das crianças apresentam algum tipo neurológico, que inclui dificuldades sociais, evasão escolar, falhas de ensino ou fatores neurobiológicos. Sabe-se que a dificuldade específica na leitura e na escrita é chamada de dislexia de acordo com Word Federation of Neurology, (1968, apud SILVA, 2013, p. 49).

O estudioso Norton (1937) começou a se dedicar a estudos e publicou assuntos referentes a transtornos da aprendizagem, descrevendo as dificuldades das crianças de distorcerem as imagens das palavras ou letras. Esta distorção ocorre por falha de uma parte do cérebro que é responsável pela leitura, essas áreas são chamadas de corticais. Os docentes mesmo que em sua formação inicial, tenha a obrigatoriedade de ter conhecimentos teóricos nas disciplinas que perpassam as características da aprendizagem com a psicologia da educação e a psicologia do desenvolvimento, na qual direcionam o futuro docente a conhecer as formas de aprendizagem e ainda a disciplina de educação especial e inclusiva que exploram a necessidade de uma prática pedagógica inclusiva, é indispensável que se busque formação continuada.

A formação continuada garante que o docente tenha sempre novos conhecimentos e a sua docência seja cada vez mais eficiente, interativa e gerem aprendizagens significativas para os alunos, tornando os mesmos mais motivados e não exponham os alunos não apenas com dislexia, mas com deficiências ou outras

dificuldades de aprendizagem, tenham possibilidades de aprendizagem em todos os níveis educacionais.

A dislexia nos anos iniciais do ensino fundamental, o transtorno é caracterizado pelo déficit de aprendizagem para a leitura e escrita, que compromete o desenvolvimento social, e principalmente cognitivo do aluno, evidenciando a dificuldade de codificar e decodificar as palavras em um processo que nos é considerado normal e natural. No que se refere ao ensino fundamental, do 1º ao 3º ano, são considerados os anos na qual o processo de alfabetização irá se concretizar, nesse sentido também é válido destacar que o aluno não pode ficar reprovado durante o curso desses períodos letivos.

Por estes motivos, é necessário que a prática docente nos anos iniciais seja de um olhar voltado para perceber quais fatores estão por trás de uma dificuldade de aprendizagem, para que esse aluno não seja despercebido, negligenciado ou até mesmo ser inferiorizado em sala de aula. Um aluno que não consegue ter um bom aproveitamento no primeiro ano dos anos iniciais de chega ao segundo ano com uma defasagem de aprendizagem, deve ser feita uma investigação junto a família para que o mesmo seja acompanhado por outros profissionais caso este problema persista.

Vale lembrar que todas as possibilidades de motivos para a não aprendizagem desse aluno deve ser observada, até mesmo se as metodologias que estão sendo utilizadas em sala de aula estão sendo atrativas e estimulantes para a aprendizagem dos alunos. A atenção maior nos anos iniciais para que se tenha um diagnóstico de dislexia, deve ser quanto ao processo de alfabetização, até o terceiro ano, para que o mesmo não tenha maiores prejuízos nos anos seguintes. Para Sana (2005, p.34) “Para haver um diagnóstico de Dislexia, as dificuldades deverão ser duradoras, isto é, persistirem por pelo menos um ano a um ano e meio, depois de iniciada a alfabetização sistemática”.

Deve se ter muita atenção do docente neste processo de diagnóstico e o mesmo deve conhecer em quais sinais deve buscar para auxiliar no processo. Em situações em que o aluno como o indicado por Sana (2005) “não consegue automatizar, pois há uma confusão na grafia mais simples, nas similares e sonoras de algumas letras ou palavras”. Exemplos: Grafias Simples: a/o, c/o, e/c, f/t Grafias Similares: b/d, b/p, d/q, n/u Grafias Sonoras: d/t, j/x, c/g, v/f. Tais conteúdos podem ser trabalhados no 3º ano dos anos iniciais, que encerra o ciclo da alfabetização, sendo esses pontos na qual se deve ter observação para definir o caso de dislexia, e tendo como base como acontece o desempenho deste aluno, se existe uma inconstância e ou dificuldades específicas como descreve os autores:

Desempenho inconstante; demora na aquisição da leitura e da escrita; lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, como a soletração; dificuldade em associar o som ao símbolo [...] desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional. (LANHEZ; NICO, 2002, p. 26- 27).

Nos anos iniciais a dislexia também pode dar sinais em outras disciplinas como matemática em caso que existe uma associação a discalculia, disciplinas que exigem leitura e interpretação de dados. Desta forma, nos anos iniciais a dislexia pode ser percebida não só na leitura e escrita, mas em outras disciplinas. Mesmo que desde a educação infantil a dislexia já pode dar sinais identificáveis pelos docentes, nos anos iniciais pelo fator alfabetização, se torna mais evidente e necessário que haja intervenção e este aluno consiga ter mais possibilidades de desenvolvimento e

principalmente até o terceiro ano pra que não finalize tal etapa com uma defasagem tão grande de aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, podemos ressaltar sobre a presente pesquisa com a temática da dislexia nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista que tal fase é muito importante que tenham intervenções pedagógicas para que os alunos tenham um melhor desenvolvimento possível. A dislexia não se caracteriza como uma doença ou uma deficiência, mas como um transtorno marcado pelo déficit de aprendizagem para a leitura e escrita, que compromete o desenvolvimento social, e principalmente cognitivo do aluno, evidenciando a dificuldade de codificar e decodificar as palavras em um processo que nos é considerado normal e natural. Destacando que a dislexia também pode ser percebida pela fala, a memorização e distorção de percepção, essas características podem ser observadas no contexto escolar, por um docente que tenha um olhar pedagógico e inclusivo, pois pode ocorrer que os alunos que tenham tais traços observados sejam rotulados de forma negativa.

Entende-se que desde a educação infantil alguns traços de dislexia podem ser observados, mas com mais intensidade nos anos iniciais do ensino fundamental pelo fato do desenvolvimento de atividades voltadas para a consolidação da alfabetização. A dislexia diagnosticada precocemente com o auxílio do professor que ao identificar faz junto a família uma recomendação pra que esses alunos tenham o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar para que tenha acompanhamento necessário e seja estimulado para ter um bom desenvolvimento.

Embora o papel do professor de auxiliar na identificação, socialização e acompanhamento, uma equipe multidisciplinar com a participação de um neurologista em muitos casos o neuropediatra, psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos fazem um conjunto de intervenções capazes de proporcionar avanços na vida de uma pessoa com dislexia, uma vez que não se tenha a cura.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, inicialmente tem-se a adaptação de um novo ciclo educacional com componentes curriculares diferentes e novos desafios aos alunos e docentes que devem buscar inclusão de todos os alunos. De fato, ainda existem tabus sobre a dislexia e a formação inicial ainda não contemple todos os saberes necessários a prática docente, tendo o mesmo que buscar em outras fontes de formação continuada meio de identificação e de intervenção no que se refere a dislexia. É necessário que tais ações sejam feitas com cientificidade, ludicidade, respeito e inclusão, para que o aluno com dislexia não se sinta inferior, mas sim motivado a aprender superando suas limitações e tendo suas habilidades potencializadas.

A presente pesquisa bibliográfica por meio de muitos estudos em diversos materiais e a luz de um bojo teórico significativo, conclui que a identificação da dislexia nos anos iniciais do ensino fundamental, não é apenas possível, mas essencial para que tais crianças que recebam esse diagnostico tenham um bom desenvolvimento. Com ou sem diagnostico, a criança merece respeito e incluída em sua sala de aula do ensino comum e não seja rotulada e excluída por suas limitações, a inclusão fará toda a diferença no que se refere ao acolhimento, desenvolvimento e na aceitação e autoestima dessas crianças, devemos salientar que a escola visa o desenvolvimento integral de seus alunos e não apenas o cognitivo.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. **Linguagem** In. PsiquWeb Psiquiatria Geral. 2001. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/linguag.html>. Acesso em: 28 maio. 2022

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 30/09/2022.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro; Rocco. 2004.

DORNELLES BAUM, VIRGINIA, 2017. **Aprendizagem e escolarização em foco: uma visão psicopedagógica**. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br> >. Acesso em 16 de junho, 2022.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 01/10/2022.

FRANCO DE LIMA, RICARDO, ALVES SALGADO, CÍNTIA, MARIA CIASCA, SYLVIA. **Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462010005000041>. Acesso em: 06 de outubro. 2022

GARCIA, VIVIANE E SCHAINIUKA HEILI, LILIA. **A criança com Dislexia: um desafio no contexto escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental** Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br> > revista index, publicado em 14 de novembro ,2018, edição 2017, seção: Licenciatura em Pedagogia, 7p. Acesso em: 06 de outubro, 2022.

Gonçalves M, A.F. A Dislexia no ensino fundamental. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v.3.p.e648, 20 de março, 2019. v. 3 (2019): Revista Eletrônica Acervo Científico (ISSN 2595-7899) | Volume 3 | 2019. Acesso em : 06 de outubro, 2022.

HOUT, A.V.; ESTIENNE, F. **Dislexias**: descrição, avaliação, explicação e tratamento. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem**. Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em:

http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf.
Acesso em: 01/10/2022

LANHEZ, Maria Eugênciã; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 11 ed. Rio de Janeiro: Elseiver, 2002.

PASOLINI, Marcella Simonetti. **Análise do atendimento da educação especial no município de Colatina/Espírito Santo: construindo um olhar na perspectiva inclusiva**. (Dissertação de mestrado) UFES, 2008.

PAVÃO, VANIA, 2005. 1. ARTIGO- **Dislexia e Disortografia: A importância do Diagnóstico**. Disponível em : <https://www.igt.psc>.

PINTO, Mariléia Barros. **Dislexia: Um jeito diferente de aprender**. Universidade Vale do Acaraú – UVA, 2010.br/ojs. Acesso em: 26 de setembro. 2022

RODRIGUES, M. **Dislexia: Distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no ensino fundamental**, 2008. Disponível em. Acesso em 03 de out. de 2022.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. **Transtornos da linguagem escrita-dislexia**. In: ROTTA, N.T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Artmed, 2006. P. 151-164.

SANA, C. C. **Por que meu filho não aprende?** Ed. Eku: Santa Catarina. 2005.